

Comunidade Geraizeira: exemplo de luta em defesa do Cerrado e das Águas



Levantar-se contra a opressão é um processo difícil. Principalmente quando ela, simbolicamente, é silenciosa, profundamente verde e alta. Onde os pássaros não cantam e a mata nativa não nasce. Quando ela seca rios, entope as nascentes e destrói a Agrobiodiversidade. A opressão se veste de imensas florestas de eucalipto e discursos de sustentabilidade. Mas levantar é preciso. E a comunidade de Vereda Funda, da cidade de Rio Pardo de Minas é um exemplo de resistência à opressão e as injustiças sociais. Conhecidos tradicionalmente como geraizeiros, os povos que moram nas áreas de Cerrado, chamadas

por eles de Gerais, se levantaram em defesa dos seus modos de vida, de suas águas e do seu território tradicional. A agricultora geraizeira Sueli dos Santos conta um pouco dessa história e as estratégias coletivas que a comunidade vem construindo para enfrentar as mudanças climáticas e garantir seus modos de vida

O primeiro processo foi à luta pela retomada do território, o que aconteceu ainda na década de 1990, quando a comunidade, a luz da reflexão possibilitada através dos grupos de reflexão das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, perceberam que, com a chegada das empresas de eucalipto, aconteceram sérias mudanças ambientais e sociais. Em 2004, com o apoio da Via Campesina, CAA/NM e STTR Rio Pardo de Minas, retomam parte do território e acampam nas chapadas, forçando a negociação com empresa e o governo estadual. Os motivos que levaram a essa tomada de decisão foi ver constantemente a água acabar após o monocultivos do eucalipto. Sueli conta como era em sua propriedade. “depois do eucalipto a situação da água piorou. Antes qualquer córrego na beira de morro corria água, tudo mesmo, tinha água para todo lado. Dentro da propriedade nossa tinha uma ‘água que durava o ano inteiro. Água branca, muito boa. Nem quando chove ela corre. Isso por causa do eucalipto. Porque a chapada é área de recarga da chuva. Com a plantação do eucalipto as máquinas trouxeram muita terra para as baixas, o que aterrou as nascentes.”





Diante da situação de degradação ambiental, destruição dos rios e a perda de diversas nascentes a comunidade começa a se mobilizar para enfrentar o que vinha causando os problemas. Segundo Sueli, “a falta de água afetou diretamente a vida da comunidade. Isso gerou uma situação tensa. O povo se uniu para lutar pela retomada do território. O maior problema foi a água mesmo. Na falta da água o povo se uniu e teve coragem de enfrentar e tirar o eucalipto. Isso nós vencemos. De agora para frente, tem o problema da desertificação que temos que enfrentar.” Como resultado

da luta foi criado, em 2013 o PAE Veredas Vivas, o primeiro assentamento agroextrativista de Minas Gerais, que vem fazendo resistência aos monocultivos de eucalipto e mostrando que outro caminho é possível. Que a sustentabilidade deve ser pautada no conhecimento dos Povos e Comunidades Tradicionais.

A partir disso a estratégia é permitir a volta da mata nativa e conviver com o Cerrado. Os geraizeiros entendem que é preciso realizar uma cultura diversificada, investir em uma produção diversa, pautada na agroecologia, usando adubos orgânicos e caldas. A comunidade de Vereda Funda tem uma cultura secular de produção de café consorciado com frutíferas e outras árvores como o ingazeiro que cumpre um papel de proteger o café do sol, fornecer matéria orgânica e conservar a umidade do solo. Toda família cultivava em volta de casa uma pequena área que eles chamavam de “chácara”. Com o secamento das terras estes sistemas foram se acabando. Em 2005 um projeto do CAA em parceria com o STR de Rio Pardo de Minas, começa a recuperar as chácaras e implantar novas áreas, vinte famílias participam do projeto. E o que estava se acabando volta a produzir.



A união da comunidade permitiu retomar e construir uma gestão democrática do território, preservando e recuperando nascentes por meio de mutirões comunitários. A união da comunidade fortaleceu seu processo de reconhecimento identitário como povos Geraizeiros, que há séculos vem demonstrando caminhos para a convivência com o semiárido.



Realização



Apoio

